

EDIÇÃO ESPECIAL – ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO PARA (RE)CONSTRUÇÕES DIALÓGICAS ENTRE UNIVERSIDADE(S) E COMUNIDADE (S).

Marilene Zazula Beatriz¹
Maclovio Corrêa da Silva²
Milena Pavan Serafim³
Armindo dos Santos de Sousa Teodósio⁴

A Universidade assume um papel importante na produção de Ciência e Tecnologia (C&T), e dentre suas missões, está a de construir maneiras de articular a C&T com os atores e atrizes da sociedade. Neste seguimento, as atividades da comunidade científica de ensino, pesquisa e extensão são meios para fazer o estabelecimento desses vínculos. A realização das práticas de ensino envolvem ações extensionistas, sempre de forma indissociável à pesquisa, o que possibilita a abertura da universidade ao processo dialógico com as comunidades, suas demandas, seus saberes e conhecimentos. Com o diálogo entre distintos públicos para responder às dinâmicas institucionais, sociais, políticas, culturais, econômicas e ambientais, é possível elaborar, de forma conjunta, empreendimentos, projetos e trabalhos de C&T orientados aos desenvolvimentos locais, estudos das implicações técnicas e científicas de arranjos. Desta forma, podem ser valorizados os conhecimentos e as tecnologias populares, além daqueles que podem usufruir da tecnociência hegemônica para transformar os modos de produzir, consumir e distribuir as mercadorias.

Diante disso, a edição especial tem como objetivo reunir trabalhos que abordem as relações dialógicas entre a academia e a sociedade, considerando as atividades de ensino, pesquisa, extensão e divulgação científica. A Revista Tecnologia e Sociedade (ISSN: 1984-3526) tem como missão contribuir para o entendimento das múltiplas e complexas relações entre a tecnologia e a sociedade, mediante a divulgação de pesquisas e análises teóricas, que possam enriquecer diálogos e debates voltados à promoção da sustentabilidade, da equidade, da justiça, da cidadania e dos direitos.

A Edição Especial chamada de ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO PARA (RE)CONSTRUÇÕES DIALÓGICAS ENTRE UNIVERSIDADE(S) E COMUNIDADE(S) recebeu inúmeros artigos com temáticas distintas e também formas diferenciadas de se exercitar a extensão. Portanto, aqui

¹ Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade, PPGTE/UTFPR.

² Professora titular no Programa de Pós-graduação em Tecnologia e Sociedade, PPGTE/UTFPR.

³ Professora Associada de Administração Pública da Faculdade de Ciências Aplicadas/UNICAMP.

⁴ Professor do Programa de Pós-Graduação em Administração, PPGA/PUC Minas

tentaremos separar os artigos de tal forma que possam ser similares mesmo em sua complexidade. Neste sentido, dividimos em dois grandes tópicos, a saber: I. Reflexões sobre pesquisas, práticas e experiências de Extensão; II. Estudos e Experiências que envolvem as Práticas Docentes;

As reflexões sobre pesquisas, práticas e experiências de extensão são tratadas por um bloco de sete artigos. Enquanto alguns desenvolvem reflexões sobre extensão e suas atividades extensionistas de forma geral, outros pesquisam e apresentam recortes e particularidades das atividades extensionistas.

O artigo intitulado *Curricularização da extensão universitária: como medir seus impactos?*, das autoras Ana Carolina Spatti, Ana Maria Nunes Gimenez, Cibele Maria Garcia de Aguiar, Marília Jesus Batista, Maria Cristina Raphael Vidrich, Mônica Vannucci Nunes Lipay e Paula Homem de Mello, apresenta como objetivo propor indicadores para monitorar e avaliar o desempenho da curricularização da extensão universitária nas Instituições de Ensino Superior (IES), recorrendo à Teoria da Mudança (TdM) como abordagem metodológica. As autoras observaram que os resultados indicam a necessidade de se repensar o papel da curricularização para além de uma imposição legal, mas como uma oportunidade para promover mudanças qualitativas nos currículos, nas metodologias de ensino e aprendizagem, e nas próprias dinâmicas internas às IES, fortalecendo a inter-relação entre ensino, pesquisa e extensão.

Já o artigo *A Extensão Universitária e a Luta pela Reforma Agrária Popular: experiência de assessoria aos coletivos de comercialização de assentamentos de reforma agrária no estado do Rio de Janeiro*, de Layssa Ramos Maia de Almeida, Alexandre Trennephol, Andrey Seraphim Guilherme, Ricardo Nazareth Muniz, Vanessa Sartori Rodi, Felipe Addor, Luis Guilherme Quintanilha Jacintho, Luana Trufino, Laura Letícia Borges, Felipe Jaña Laucas de Campos e Ana Paula dos Santos Guerra, se propõe a apresentar uma análise da promoção da territorialização do Movimento Sem Terra (MST), na cidade do Rio de Janeiro, realizada no âmbito do projeto de extensão Campo-Cidade, que ocorreu nos anos de 2021 e 2022. O artigo demonstra que o projeto também contribuiu para a formação qualificada dos estudantes, a partir de uma estratégia de Núcleos de Consumidores e seus desdobramentos.

O artigo intitulado *Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos como espaços potenciais para o desenvolvimento de atividades extensionistas*, de Adriano Lopes Romero, João Victor Nunes Durço e Rafalle Bonzanini Romero, teve como objetivo analisar o potencial dos Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFVs) para o desenvolvimento de atividades extensionistas. Para isso, foi realizada uma

análise documental, além de uma revisão sistemática de literatura e reflexões a partir da vivência dos autores enquanto agentes que desenvolvem atividades extensionistas em SCFVs desde 2014. A análise documental indicou um grande número de SCFVs no Brasil, que assistem diferentes grupos de usuários, cujos objetivos específicos podem ser tomados como demandas para atividades de extensão. A revisão sistemática indicou lacunas de pesquisa, tal como o desenvolvimento de ações extensionistas objetivando a divulgação da Ciência, que acreditamos ser promissora no contexto da formação inicial de professores de Ciências. Ao explorar essa lacuna de pesquisa defendemos que os SCFVs são potenciais espaços para o desenvolvimento de atividades de extensão.

O artigo sobre as *Oficinas de grafismo Karajá em bonecas de pano: um olhar para a cultura indígena em projeto de extensão universitária* de Elisângela Christiane de Pinheiro Leite Munaretto e Maclovia Corrêa da Silva, as quais propuseram ampliar os saberes referentes aos povos originários para os/as visitantes do Museu de Arte Indígena (MAI), em Curitiba-Paraná, e também estreitar possibilidades educativas por meio da oferta de oficinas de grafismo Karajá em bonecas de pano, feitas com resíduos têxteis. As autoras desenvolveram uma pesquisa-ação, de abordagem qualitativa, interpretando crenças, valores, sentimentos e percepções, e utilizaram também, para registro das ações, o diário de campo composto por falas, reações e imagens fotográficas dos participantes, que foram essenciais para compreender as dinâmicas de contextos que vivem os povos originários no Brasil. Neste caminhar de muitas vias com a pesquisa, as pesquisadoras e os participantes travaram diálogos e interagiram a partir do grafar as bonecas inspiradas na cultura karajá no qual permitiu a construção coletiva de universos simbólicos deste grupo específico de indígenas.

Já o artigo Equidade na PCT sob uma perspectiva CTS: Uma análise sob as pautas sociais, de Rafaela Mota Ardigo e Milena Pavan Serafim teve como objetivo compreender o estado atual de percepção, no Brasil e na América Latina, sobre os avanços e limites das pautas sociais na Política Científica e Tecnológica (PCT) a partir da interseccionalidade como ferramenta analítica. Para tanto, escolheram uma abordagem quantitativa de pesquisa embasada na técnica da RSL (Revisão Sistemática de Literatura) realizada no Portal de Periódicos da Capes. Apesar de observarem-se avanços em algumas pautas, notadamente a partir dos anos 2000, os resultados apontaram que a controvérsia a partir da interseccionalidade ampliada como ferramenta analítica ainda é tímida no debate da PCT brasileira e latino-americana. Avanços, neste sentido, podem ser centrais para o fomento de uma PCT baseada em premissas plurais e socialmente relevantes em termos de inovação e desenvolvimento para uma região periférica.

O trabalho denominado *Entre páginas de revista e páginas da web: Uma experiência de pesquisa na Hemeroteca Digital Brasileira*, de Juliana Regina Pereira e Marinês Ribeiro dos Santos discute uma experiência de pesquisa realizada com recurso à Hemeroteca Digital Brasileira, seção de periódicos digitalizados da Biblioteca Nacional. Presta-se à análise uma pesquisa que investiga desigualdades de gênero, raça e classe nos discursos sobre o morar moderno da revista de arquitetura A Casa, a qual, tendo circulado entre 1923 e 1952, foi testemunha e agente nos processos históricos de sua época. As autoras interessam-se em discutir como a pesquisa em documentos digitais é capaz de modificar os processos da heurística das fontes no fazer científico. Por fim, destacam a importância do acesso gratuito a bases de dados digitais para a produção do conhecimento num período marcado pela rápida transformação das ferramentas de tecnologia digital.

E por fim, o artigo chamado *Design Participativo e Economia Solidária: em busca de um co-design possível* de Helen Vanessa Melezinski, Maíra Fernandes Costa, Mario Lopes Amorim e Wanderley José Deina, parte do reconhecimento das discussões em andamento no movimento da Economia Popular Solidária no Brasil e tomando como base a pesquisa desenvolvida com a Rede de padarias comunitárias Fermento na Massa, este artigo conta sobre o retorno das atividades da Rede pós Covid-19, a aproximação das/os pesquisadoras/es com a Rede e a troca realizada entre conhecimentos de design gráfico das/os pesquisadoras/es e as experiências como trabalhadoras da Economia Solidária. A partir disso, buscaram dialogar com os conceitos de design participativo e de autogestão na prática da Economia Solidária; refletir sobre as possibilidades de uma prática de design mais solidário, co-produzido que visa maior autonomia das trabalhadoras nos processos de comunicação e de venda.

Além dos estudos sobre extensão, a edição especial contém um conjunto de três artigos que analisam estudos e experiências que envolvem Práticas Docentes. O primeiro artigo *-Roteiros de Gameplay e Ensino de História: Experiências Didáticas Prática Docente* - de George Leonardo Seabra, Christiano Britto Monteiro dos Santos e Phillip Julia da Silva, apresentou as possibilidades de diálogo entre as tecnologias digitais e as ações pedagógicas libertadoras/empoderadoras no Ensino de História. Os autores defendem que a intersecção entre docente - conhecimento acadêmico - e discente - comunidade - tem a capacidade de produzir e/ou abrir novos caminhos para o ensino de História na Educação Básica. Veremos neste texto como a elaboração de roteiro de gameplay/jogos

eletrônicos abrem possibilidades didáticas para o diálogo entre o ensino de História e os jogos eletrônicos, e ao mesmo tempo, oferece outros caminhos para trabalhar com as representações históricas dos estudantes da Educação Básica.

Já o artigo *Práticas Docentes e Comunidade: relações no campo Ciência, Tecnologia e Sociedade* de Paula Caldas Brognoli, Maria Sara de Lima Dias e Paula Maria Ferreira de Faria, procurou identificar, a partir de uma revisão sistemática da literatura, o debate entre as tecnologias e as práticas docentes no campo de Ciência, Tecnologia e Sociedade, além das proximidades entre universidade e sociedade. Esta revisão revelou as profundas transformações do campo educacional em meio à pandemia, evidenciando as tecnologias como recurso importante ao processo de ensino-aprendizagem nesse contexto; destacaram, também, os impactos dessas alterações sobre as vivências dos(as) docentes. Concluíram que o campo CTS aporta contribuições para a compreensão do cenário educacional, valorizando a interação entre as práticas docentes, as tecnologias e a sociedade como fonte de produção e compartilhamento de conhecimentos e saberes.

Por fim, o último artigo denominado de *As materialidades da cor no ensino de artes*, de Yuri Gabriel Campagnaro e Luciana Martha Silveira, teve como objetivo entender como as materialidades em questão têm consequências que podem ser problemáticas, mas que podem ser disputadas por experiências de comunicação entre o conhecimento e prática acadêmicos e a sociedade. Cores são importantes para a sociedade e especialmente no ensino. Debates na arte contemporânea chamam a atenção para suas materialidades, que passam por suas infraestruturas objetivas e também por seus contextos e conteúdos. Esses elementos, associados a aspectos técnicos da produção de tintas e pigmentos, podem ter consequências problemáticas quanto ao acesso dos materiais cromáticos. Apresentamos o caso de lápis de cor que normaliza o tom de pele branco como único possível e como houve uma reação contrária que ensejou a criação de lápis com tons de pele diversos. No mesmo sentido, trataram do caso do projeto Poéticas do Habitar, que produz pigmentos a partir da terra, ministrando oficinas e cursos e disponibilizando materiais. Concluíram que controvérsias da história da arte auxiliam a disputar alternativas democráticas de tecnologias, através de relações de solidariedade com comunidades de fora da universidade.

Convidamos a todos/as/es para uma leitura bastante variada e proveitosa esperando que este número especial possa contribuir para uma compreensão mais aprofundada do papel da extensão universitária e que

possam fomentar futuras práticas de extensão a fim de promover a cidadania sociotécnica.
